

**A ESCRIVIVÊNCIA EVARISTIANA NA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO***  
**THE EVARISTIAN SCRIPTURE IN THE WORK *PONCIÁ VICÊNCIO***

Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira<sup>1</sup>  
Erica Dayana Monteiro Cavalcante<sup>2</sup>

“O tempo passou deixando a marca daqueles  
que se fizeram donos das terras e dos homens.”  
(Conceição Evaristo - *Ponciá Vicêncio*)

**RESUMO**

Este trabalho tem como *corpus* a obra *Ponciá Vicêncio* (2017) da escritora Conceição Evaristo. Em sua obra, a escritora utiliza-se da sua “escrevivência” para tratar de temas relativos à vida e a representatividade de sua classe, enquanto mulher, negra e escritora, fazendo alusão a suas lutas que também representam a de outras mulheres. Sendo assim, para confirmar e reafirmar os pensamentos expressos neste trabalho utilizaremos os seguintes referenciais teóricos: Hooks (2014), Spivak (2010), Perrot (2007), Dalcastagnè (2012), a própria autora, Conceição Evaristo (2009), e entre outros aportes, a fim de tratar dos impasses desta ciência, em especial dos marginalizados no campo literário.

**Palavras-chave:** escrevivência, contemporaneidade, representatividade, Conceição Evaristo.

**ABSTRACT**

This work has as its corpus the work *Ponciá Vicêncio* (2017) by the writer Conceição Evaristo. In her work, the author draws upon her “writing experience” to deal with themes

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba UEPB/PPGLI de Campina Grande, Paraíba. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0829338921353651>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3842-272X>. E-mail: [michelly-54@hotmail.com](mailto:michelly-54@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba UEPB/PPGLI de Campina Grande, Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6556581795218918>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7152-8915>. E-mail: [davanamonteiro94@gmail.com](mailto:davanamonteiro94@gmail.com).

related to life and the representativeness of her class, as a woman, black and writer, alluding to their struggles, which also represent other women's. Therefore, to confirm and reaffirm the thoughts expressed in this work, we will use the following theoretical references: Hooks (2014), Spivak (2010), Perrot (2007), Dalcastagnè (2012), the author herself, Conceição Evaristo (2009), and among other sports, in order to to address the impasses of this science, especially those marginalized in the literary field.

**Keywords:** writing, contemporaneity, representativeness, Conceição Evaristo.

## **Introdução**

A obra literária contemporânea *Ponciá Vicêncio*, da escritora mineira Conceição Evaristo, discute algumas situações conflituosas relacionadas com a desfiguração identitária, um processo em que o indivíduo possui dificuldades de aceitar sua individualidade, algo retratado na obra, por exemplo, pelo fato de que a protagonista e sua família utilizam o sobrenome do dono das terras onde morava quando escravos, ao invés de seu próprio sobrenome.

Outro ponto abordado na obra é a relação da escrita feminina e o estado de subalternidade, ou seja, a legitimidade do dizível na literatura brasileira a partir de novas vozes, em especial, daqueles que buscam falar sobre si e visam também a autenticidade daquilo que dizem/ escrevem. Sobre o assunto, Almeida (2020, p. 40) ressalta que “[...] Conceição Evaristo é uma das principais expoentes da literatura brasileira e afro-brasileira, e tornou-se também uma escritora e intelectual negra de projeção internacional, com livros traduzidos em outros idiomas”. A escrita feminina, por muito tempo, enquadra-se neste estado de subalternidade, já que foge do padrão, hierarquizado e esteticamente definido, de como se deve fazer ou dizer para se legitimar enquanto escritor.

Para realizar uma análise dessas questões a partir produção literária de Evaristo (2017) em estudo, serão utilizados os textos *Pode o subalterno falar?* da escritora indiana Gayatri Chakravorty Spivak, que aborda sobre a relevância da fala do sujeito socialmente considerado subalterno, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, da

pesquisadora Regina Dalcastagnè, que trata sobre narrativas brasileiras e autorrepresentação na contemporaneidade, *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, da própria Conceição Evaristo e que traz algumas reflexões sobre o campo literário brasileiro e a literatura negra, entre outros aportes teóricos que serão percebidos dentro do texto.

Sendo assim, o presente artigo visa debater os temas que despontam da obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, como a autorrepresentação subalterna atual e a indiferença reproduzida por alguns grupos e classes que põem em obscuridade a fala e a representatividade de minorias, assim como a voz e a sua legitimidade na sociedade por meio dos textos literários.

### **Ponciá: histórias e desafios**

O romance *Ponciá Vicêncio* traz em seu enredo a história de Ponciá Vicêncio, descendente de negros escravos e que vivia nas terras dos Vicêncio, local em que os bisavós de Ponciá trabalhavam como escravos. Sobre as obras de Evaristo, Almeida (2020) diz que a autora traz em sua escrita reflexões acerca das questões de raça e de gênero, com o objetivo claro de revelar as desigualdades em nossa sociedade, de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e sua potencialidade de ação.

Corroborando com essa afirmação, Evaristo (2009) destaca que o corpo negro tem sido violado em sua integridade física e moral desde o início do processo de escravidão nas colônias europeias. Além disso, o espaço coletivo e individual do negro tem sido constantemente limitado. Essa realidade se reflete também na literatura, na qual a contribuição das memórias africanas para a cultura brasileira e para o campo literário é inegável. No entanto, o negro é frequentemente negligenciado ou estereotipado nesse contexto. Contrapondo essa tendência, surge a literatura afro-brasileira, que busca valorizar a africanidade, seus traços e sua cultura, ao mesmo tempo em que gera debates sobre as desigualdades sociais presentes na sociedade.

É exatamente isso que se vê apresentado com maestria na obra, a partir da história da protagonista e de sua família. Apesar de não serem mais escravos, eles ainda vivem em condições de subalternidade e carregam os resquícios de um passado sombrio, enfrentando a falta de oportunidades para alcançar a plena independência. A trama se desenvolve trazendo questões relacionados com a escravidão e a exploração do trabalho na zona rural, de modo que Ponciá e sua família, mesmo sendo livres, continuam cultivando a terra e trabalhando para aqueles que um dia foram os donos de seus antepassados.

Havia em todo aquele ambiente uma relação de subserviência e semiescravidão, algo que despertava na protagonista o desejo de sair do povoado para a cidade:

Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias (EVARISTO, 2017, p. 30).

Percebe-se que essa condição afetava sua dignidade enquanto ser humano, já que mesmo em libertos, ela e sua família continuavam inseridos em um sistema de serventia que lhes era imposto, devido à falta de opção para seguir e contemplar a liberdade. Para Ponciá, era preciso desbravar novos mundos, no caso, a cidade grande, em busca de novas oportunidades: “Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (EVARISTO, 2017, p. 30). Ainda, a obra ressalta um apagamento das origens e a desfiguração identitária de Ponciá, já que o seu sobrenome era derivado da relação de pertença de seus antepassados com a família dona das terras: “O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p. 26-27).

Ponciá e sua família, em especial seu pai e seu irmão, trabalhavam na roça: “A mãe da soleira da porta abençoava o filho e desejava em voz alta que eles seguissem a caminhada com Deus” (EVARISTO, 2017, p. 25). Viviam, desta forma, submissos e

manipulados pela classe dominante, sujeitos a condições limitadas de crescimento e exercendo atividades na pesada labuta, sem tempo para quaisquer outras atividades:

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e os filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda (EVARISTO, 2017, p. 16).

A relação familiar, desta maneira, era totalmente voltada ao trabalho e subserviência, baseado na hegemonia da classe social dominante e caracterizado pela restrição de direitos humanos e repressão:

A reprodução da força de trabalho requer não apenas uma reprodução de suas habilidades, mas também e ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão à ideologia dominante por parte dos trabalhadores, e uma produtividade de manipular a ideologia dominante corretamente por parte dos agentes de exploração e repressão, de modo que eles também venham prover preponderância da classe dominante (SPIVAK, 2010, p. 33).

A obra mostra justamente essa “reprodução da força do trabalho” das classes mais baixas (classes minoritárias), não apenas no âmbito rural, mas também no urbano, como é demonstrado a partir do momento que Ponciá se muda para a cidade em busca de uma vida melhor. Ao chegar na cidade, se depara novamente com a condição de subalternidade por ser negra e iletrada. Em toda a sua experiência de vida, a habilidade de ler foi irrelevante, em que outros saberes eram considerados necessários:

O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo do plantio e de colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mal da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber na roça difere em tudo do da cidade (EVARISTO, 2017, p. 25).

Conforme traz a obra, a habilidade de leitura era secundária nos povoados e comunidades de descendentes de escravos. Poucos indivíduos tinham o conhecimento das

letras, e quando tinham, apresentavam as suas defasagens; ora conheciam apenas as letras, ora formavam poucas palavras e, em pouquíssimos casos, liam estruturas maiores.

Neste ponto, é importante refletir sobre a perspectiva de Evaristo em relação aos estereótipos negros presentes na literatura brasileira. Segundo a autora, existem diversas obras literárias que retratam o negro como alguém afásico, ou seja, como alguém que possui uma "meia-língua", incapaz de aprender o idioma. Essa representação reforça a ideia de que a linguagem é um território reservado exclusivamente à cultura dominante (EVARISTO, 2009).

No entanto, Evaristo se diferencia desse pensamento ao retratar sua protagonista como alguém não letrado, não por falta de capacidade, mas sim devido à falta de oportunidades decorrentes de seu contexto social.

Ponciá Vicêncio vencera as dificuldades. Aprendeu o abecedário, conhecia as letras em qualquer lugar. Quando o pai chegava, ficavam juntos lendo as letras na cartilha. Enquanto o pai, em matéria de leitura, se estacionara no reconhecer das letras, o da menina ia além. Começou a formar as sílabas e, quando já estava formando as palavras, a missão acabou (EVARISTO, 2017, p. 26).

A moça acreditava que “Haveria, sim, de traçar o seu destino” (EVARISTO, 2017, p.33), mesmo sabendo de casos negativos dos que ousaram sair do povoado para viver na cidade, de modo que: “A vida se tornava pior do que na roça.” (EVARISTO, 2017, p. 33). Desta maneira, Ponciá representa o indivíduo negro em busca de sair do estado de subalternidade e todos os desafios que precisa enfrentar para alcançar uma melhoria de vida.

Acompanhando Ponciá, Luandi, irmão da protagonista, também se aventura na cidade grande, sem saber ler, apenas com a coragem de trabalhar e conhecer o novo, de mostrar ao povoado, quando voltasse, que o negro também tem suas possibilidades de crescimento, de encontrar ou de redescobrir seu lugar no mundo. Ao chegar à cidade, ele consegue trabalho na parte da limpeza na delegacia local e, aos poucos, foi aprendendo a

escrever seu nome e a ler algumas palavras. Mesmo assim, tanto para Ponciá quanto para seu irmão:

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2017, p. 72).

Eles perceberam que, mesmo não morando mais no vilarejo e não mais cultivando a terra, continuavam submissos ao poderio hegemônico dos brancos. Viviam a subalternidade urbana e, com o tempo, viram que para viver na cidade é importante muito mais que saber escrever o próprio nome:

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia” (EVARISTO, 2017, p. 110).

Percebe-se, então, a marginalização do indivíduo por meio da linha tênue entre passado e futuro, marcado pelo sentimento de subalternidade advindo de outras gerações e que se permeava na geração de Ponciá e de seu irmão. Independentemente do local, suas vivências foram marcadas pela subserviência, extrema injustiça e desamparo social. Portanto, a partir da obra de Conceição Evaristo, é possível observar a condição humana e subalterna do indivíduo que se encontra a margem da sociedade em diferentes territórios, pondo em questão a desvalorização do mesmo e determinando onde ele pode ou não habitar a partir de seus saberes e de sua cultura.

De maneira análoga ao que acontece na obra de Evaristo (2017), a literatura brasileira contemporânea, no que diz respeito ao universo dos produtores de textos literários, sejam eles homens ou mulheres, existe um “território contestado”. Dalcastagnè

(2012) afirma que este espaço precisa ser democratizado para atender as necessidades sociais dos indivíduos de serem ouvidos e representados por sua própria fala, mesmo que para isso ele tenha de agir a partir da diferença com vista à legitimação discursiva.

Ao levar em consideração os dados biográficos da escritora Conceição Evaristo, percebe-se que ela enfrentou diversas situações desagradáveis para poder ter autenticidade no campo literário, visando ter e dar voz a sua classe, uma mulher, negra, pobre e moradora de região periférica, que só na fase adulta conseguiu concluir os estudos, formar-se em língua portuguesa e atuar como professora universitária, saindo das estatísticas dos iletrados. Vale ressaltar que mesmo que Evaristo tenha conseguido publicar suas obras na contemporaneidade, não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma para todos, embora seja impossível não reconhecer que exista um espaço literário mais aberto e com maior consciência de classe na atualidade (DALCASTAGNÈ, 2012).

Evaristo, no decorrer da sua história, passou por inúmeras dificuldades no âmbito da representação escrita, fugindo dos estereótipos implantados na identidade literária nacional, em “busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 7). Na literatura brasileira contemporânea, uma grande parte das publicações é feita por homens, seguindo o seguinte perfil “Ele é homem branco, aproximando-se ou já entrando na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 162).

O mesmo ocorre para os personagens na literatura nacional contemporânea: “Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior que a categoria seguinte (negros)” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 173). Trata-se, portanto, de um monopólio para a manutenção de uma hegemonia dentro da literatura, uma atitude repressora que vai contra a ideia de este é um espaço que pode ser habitado por todos e que possibilita a interação entre saberes e culturas, universo plural ao qual todos devem, de acordo com a suas lutas, se autorrepresentarem, pois veem o mundo cada qual ao seu modo:

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20).

Em relação a esse tema, Evaristo (2009) comenta que ao longo da história da literatura brasileira, os negros e mestiços foram frequentemente retratados de forma estereotipada ou simplesmente ignorados. Por meio das vozes de homens brancos pertencentes à chamada ‘elite intelectual’, o personagem negro foi sexualizado, insultado, ridicularizado e diminuído. Esse movimento não apenas refletia a maneira como a sociedade enxergava essa população, mas também a perpetuava.

Diante disso, a literatura negra surge como uma resposta a esse processo discriminatório, em busca da devida valorização que a população negra merece diante de todas as suas contribuições para a sociedade brasileira e sua rica cultura. Além disso, essa forma de literatura traz discussões sobre a desigualdade racial para o campo literário, rompendo com padrões estéticos de escrita e desafiando estereótipos implementados na literatura .

Voltando à obra de Evaristo, tratando do “representar-se” no campo literário contemporâneo, uma de suas características é a mistura entre escritor(a) e personagem, contemplando sua existência na de sua criação, confundindo ficção e realidade, como afirma em seu prefácio:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu (EVARISTO, 2017, p. 7- 8).

Esse movimento da autora se difere do que ocorre na tradição literária, pois, tradicionalmente, o indivíduo narrador “[...] não nos daria espaço para questionamentos. Até porque, sua presença no texto não estava em questão” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 93). Trata-se, sobretudo, de uma atitude narrativa de representar a realidade da sua classe. Vale ressaltar também a importância do feminino em detrimento ao masculino, uma vez que, conforme cita Dalcastagnè (2012, p. 165), “[...] as mulheres têm menos acesso à voz - isto é, a posição de narradores - e ocupam menos as posições de maior importância”, demonstrando a existência de barreiras para a mulher na produção literária contemporânea.

O feminino no campo das letras e no caminho da escrita é uma luta antiga e constante travada no âmbito da importância e a valorização da escrita de minorias. Para Hooks (1995, p. 468): “[...] dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito”.

A literatura contemporânea deixa a desejar quando se trata da notabilidade de personagens femininos em posições privilegiadas, sendo que a maioria dos escritos contemporâneos os retratam em ambiente doméstico e familiar. Sobre o assunto, Dalcastagnè (2012, p. 172) aponta para uma “[...] ausência da mulher na representação do espaço urbano na narrativa brasileira recente. A personagem que caminha pela cidade é, via de regra, o homem. Às mulheres, cabe a esfera doméstica, o mundo que a ficção lhes destina”.

Cada ser, seja ele feminino ou masculino, pode e deve ocupar o lugar que desejar, e, apesar dos dados apontarem essa discriminação para com o feminino, já existem, contudo, indicativos que exibem uma nova perspectiva, pois, mesmo que as mulheres ainda estejam tateando a busca por visibilidade no universo literário, nas últimas décadas, há uma empreitada feminina em busca de aumentarem o seu nível de escolaridade (DALCASTAGNÈ, 2012).

### **Ponciá: Mulher-Negra**

*Revista de Letras Norte@mentos*

394

Dossiê “As escrituras de Conceição Evaristo: as mulheres negras no centro das narrativas”, Sinop, v. 16, n. 44, p. 385-400, jul. 2023.

A protagonista feminina delineada por Conceição Evaristo nos faz refletir sobre a presença da mulher na sociedade, em especial, da mulher negra, a qual vêm desde um longo período sendo tratada como subalterna, mesmo com as mudanças nos últimos tempos no âmbito social, caracterizado pelas “novas identidades” (HALL, 2015, p. 9). Evaristo, em seu texto, mostra a tentativa da mulher negra de sair da posição de oprimida por meio da mudança de território, embora não tenha êxito. A partir desse momento, nós, leitores, nos deparamos com uma situação inquietante ao ver na personagem um indivíduo com poucas possibilidades de ascensão devido sua falta de conhecimento e o preconceito, cabendo-lhe habitar em espaços domésticos.

É possível ver na personagem uma “[...] identidade fragmentada, em processo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2015, p. 9). No que diz respeito a este deslocamento e a este abalo nos quadros de referência, temos a própria escritora que atua sob essa nova perspectiva feminina, de mulher negra letrada, ao contrário de sua personagem, criação literária que representa um outro grupo de mulheres de sua mesma classe.

Na contemporaneidade, as discussões sobre as classes minoritárias estão a cada dia tendo mais visibilidade, com o rompimento de estereótipos historicamente impostos as mulheres e seu local de existência. Foram muitas mudanças em relação as situações em que elas se (re)inseriram através das reivindicações do movimento feminista<sup>3</sup>, as quais não englobam somente as mulheres, mas todos aqueles que eram excluídos pela sociedade por algum aspecto que estava em “desconformidade” com a tradição e, conseqüentemente, com os ideais machistas e patriarcais, os quais, resumidamente, seguem o seguinte princípio:

---

<sup>3</sup> O movimento feminista (ou feminismo) “[...] ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico”. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e completam na busca da superação das desigualdades sociais (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 7).

“Mais vale deixar as mulheres isoladas e mantê-las ocupadas em casa do que as reunir aos montes, pois as pessoas dessa categoria são como as plantas que fermentam quando se amontoam” (PERROT, 2007, p. 26).

A obra expõe essa questão, visto que as mulheres, antes de se dedicarem as lutas por direitos iguais para uma boa convivência em sociedade, eram tratadas como sendo menores, cabendo-lhe apenas o zelo com o ambiente doméstico, conforme é visto na narrativa quando o pai de Ponciá sai com seu irmão para o trabalho, enquanto que as mulheres cuidavam da casa. Semelhante ao período da revolução industrial, Ponciá e as demais mulheres “[...] se sentiam culpadas se não estivessem constantemente ocupadas, tendo interiorizado o emprego em tempo integral de dona de casa” (PERROT, 2007, p. 132).

As mulheres enfrentaram muitas situações de julgo desigual, como é disposto na literatura de Evaristo a fim de problematizar as situações inquietantes que envolvem as mulheres, em especial, as negras, que aparecem na literatura representada em posições subalternas conforme constatou Regina Dalcastagnè (2012). Por meio da personagem Ponciá Vicencio, pobre, negra e iletrada visualizamos uma figura feminina subalterna que desejava inserir-se na esfera social urbana, a fim de tornar-se um sujeito feminino exímio dos demais que teve contato em sua experiência de vida.

Embora Evaristo nos apresente uma personagem subalterna em processo de desterritorialização, submissa aos designios do “homem branco” ora nas propriedades rurais, ora nos limites urbanos, desencadeia nos leitores de sua obra uma constante percepção da condição limitante em que está inserida a mulher negra, que se sente escravizada nas diversas conjunturas sociais. A escritora ao dá voz a sua personagem, expondo de modo crítico a angústia de inúmeras mulheres negras que, ao longo das eras, revestem-se de coragem para enfrentar o novo e desafiar estruturas e desarticular “as identidades estáveis do passado” (HALL, 2015, p. 14).

Assim, a protagonista é um retrato de inúmeras mulheres negras na sociedade brasileira, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, autora da obra *Quarto de despejo*, a quem

se refere em seu artigo *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. De acordo com Evaristo (2009), Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, favelada e de pouca instrução escolar, é a representação do desejo, da crença e da luta pelo direito de ser reconhecida e sair da subalternidade, escrevendo sua obra em restos de cadernos e folhas soltas que encontra no lixo. Esse mesmo desejo pode ser visto em Ponciá, bem como as dificuldades para alcançá-lo.

Ainda neste limiar que envolve as identidades que se modificam ao longo dos tempos, é possível prosseguir com o seguinte pensamento: Evaristo, a partir da sua escrituragem, leva ao seu leitor aos dilemas enfrentados por mulheres negras que, ao longo da vida, tentaram sair dos limites subalternos, mas que, diante das situações inquisidoras envolvendo a classe feminina e negra, nem sempre tiveram uma oportunidade atingir esse objetivo. Evaristo deixa-nos outra breve reflexão, que é a constatação de que sair dos limites geográficos opressivos nem sempre significa sair da opressão

É preciso trilhar novos caminhos para obter novas possibilidades de vida, visto que a identidade do ser humano está constantemente se modificando, sobretudo no período da pós-modernidade, que nos insere em um ambiente aberto a novos processos distantes do conforto permeados pela tradição. Portanto, pensar na mulher-negra é refletir sobre a capacidade de atuação da mulher, das inúmeras possibilidades de existência, na tentativa de extrair do imaginário masculino a posição subalterna que a história as inscreveu e que a literatura se remete, a fim de nos apontar as mudanças.

Neste ponto, Hooks (2014, p. 07) afirma ser importante que reconheçamos que as mulheres negras, ao longo da história, já foram submissas até mesmo dentro de sua própria classe, indicando que se trata de um processo histórico-cultural que ultrapassa questões raciais:

Os ativistas masculinos negros publicamente reconheceram que esperavam que as mulheres negras envolvidas no movimento se ajustassem a um papel de um modelo sexista. Eles exigiram que as

mulheres negras assumissem uma posição subserviente. Foi dito às mulheres negras que deviam cuidar das necessidades da casa e criar os guerreiros para a revolução (HOOKS, 2014, p. 07).

Portando, a mulher-negra atuava sob a condição submissa, mediante as ordens do pai e de toda conjuntura masculina local, atribuindo-lhes deveres domésticos, o cuidado com sua prole e de pequenas roças, agindo pelo viés da subserviência. Ademias, nota-se que a mulher avança no percurso histórico mediante a sua resistência, a partir do instante em que ela resolve habitar novos ambientes e tentar uma vida diferente da que lhe foi oferecida.

### **Considerações Finais**

Em virtude dos fatos mencionados acerca da obra de Conceição Evaristo e dos textos utilizados como aporte teórico, percebe-se a importância da representação do indivíduo, da reivindicação de tornar o sujeito marginalizado e oprimido como um sujeito que pode falar e ser ouvido na sua condição sem precisar utilizar-se do discurso hegemônico para fazê-lo, ou seja, é preciso, verdadeiramente, criar espaços em que estes sujeitos subalternos de classes minoritárias falem e sejam ouvidos.

Evaristo, na condição de militante e mulher negra, traz representações das dificuldades enfrentadas por ela e por sua classe, envolvendo os desafios de se legitimar em um universo literário hegemônico, em vista de ter sua voz audível e ouvida por aqueles que compõem este ambiente estereotipado, de julgo desigual para com as classes minoritárias no trabalho intelectual da escrita, com vista para a valorização da história e do contexto em que fora produzido.

Este trabalho teve como principal foco a observação do sujeito subalterno feminino, em especial os de origem negra, como é o caso da personagem Ponciá Vicêncio que, a partir de suas lutas, representa o negro na busca por uma mudança de vida, o que requer desbravar novos horizontes, “desterritorializar-se”, sair do seu lugar e buscar outras opções para sua condição de vida, mas que fora impedida por falta de letramento e

conhecimentos outros exigidos na cidade. Este é um fato que acontece nos dias atuais com aqueles que saem de sua região de origem para tentar sobreviver nos grandes centros, mas que ao chegarem, lhes resta apenas papéis, condições, profissões que ainda os escravizam, ou “semiescravizam” com longas jornadas de trabalho e salários baixos, como acontecia com os familiares de Ponciá.

No entanto, esta pesquisa levou em consideração a “escrevivência” da autora para chegar aos resultados aqui expressos, como por exemplo, as indiferenças sociais que cercam o universo literário, desde o perfil de quem a produz até mesmo aquilo que produz, como vimos em algumas citações de Dalcastagnè (2012) em relação a posição privilegiada de personagens das obras produzidas por homens brancos escritores, expondo a condição subalterna dada as mulheres e o espaço em que aparecem, relatando, assim, a obscuridade do perfil feminino dessas produções.

Ao contrário do que acontece na maior parte das obras contemporâneas de escritores homens e brancos, Evaristo, a partir de sua vivência, cria espaços para que as mulheres negras (em especial) sejam ouvidas por meio de seus próprios contextos e condições de autorrepresentação, se utilizando de uma mulher negra, pobre, sem leitura, sem origens explícitas por meio do seu sobrenome e desterritorializada, para tratar de maneira cúmplice e concreta do “ser marginal” que enfrenta estruturas resistentes para com seu deslocamento em meio as classes estereotipadas, socialmente constituídas, na tentativa incessante por mudança desse perfil homogêneo dos produtores de textos literários, visando assim fortificar a pluralidade e a interculturalidade da escrita contemporânea, possibilitando o espaço de fala aos de classe subalterna, que outrora não conseguiram se autorrepresentar a partir do seu local cultural de fala. Como é o caso dos trabalhadores da roça, das empregadas domésticas, dos negros, entre outros que por meio de sua subalternidade na maioria das vezes não conseguem ter sua voz legitimada na sociedade.

## Referências

- ALMEIDA, Marisangela Lins de. Em legítima defesa: a escrita feminina negra como enfrentamento e transgressão. *Revista Teias*, v. 21, n. 62, p. 38-49, 2020.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo?* São Paulo: Abril Cultural. Brasiliense, 1991.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Hecci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- hooks, Bell. *Não sou eu uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. 1. ed. Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014.
- hooks, Bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, p. 464-478, 1995.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 30/04/2023

Aceito em 22/06/2023